

**TERESA AMBRÓSIO**  
**UM CAMINHO FEITO DE ATALHOS**

---

Traçar o auto-retrato, descrever o olhar sobre mim mesma, é tarefa difícil e angustiante. Mas é um exercício que talvez valha a pena para os objectivos desta Revista. Se assim for, pois aqui vai o meu contributo.

Aliás, ser-me-ia mais fácil auto-retratar-me usando outra expressão que não a escrita. Talvez usando a expressão gráfica, musical, o canto, a dança. Se fosse musical escolheria Wagner bem dramático, aflorando, de vez em quando, uns pedaços de Mozart. A tragédia com romantismo ou um romantismo trágico, das profundidades. Assim me vejo musicalmente. Sou o resultado daquela menina de meu Pai, triste e melancólica, mas feliz quando junto a ele, me era permitido ouvir a música do mar – largo, longínquo, calmo e perigoso –, através da concha de um búzio grande que ornava o seu escritório. Sou a menina também que debaixo de uma minúscula tenda – a minha casinha – passava tempos longos sentindo os cheiros, os sons, o calor do Sol nos dias de Verão na varanda, perto mas longe da vivacidade constante da minha mãe. Fugindo, no fim de contas, à angústia permanente de lhe agradar e ser amada.

É isso. A angústia de tudo fazer, de tudo ser, de me encontrar.

Fazer o auto-retrato de mim, hoje aos 65 anos é talvez tentar descrever com angústia a minha própria angústia. Será angústia o querer ser sempre a menina de meu Pai, a mulher como a minha mãe? Ou será o meu desejo vital, a minha energia interior, com que me faço e refaço, entre a melancolia e prazer de ser, de me afirmar conhecedora embora das consequências sociais e outras que tal acarreta e que conduziram ao que sou hoje?

Mas afinal o que eu sou? O que oficialmente compilei no meu currículo vitae que profissionalmente devo manter sempre actualizado? O sujeito implícito na construção das pessoas que amei e amo? Na mãe, na avó de muitos filhos e netos? Na obra feita, realizada, publicada ou visível?

Falar desse modo seria fazer o retrato de mim. O que os outros vêem, percebem, apoiam ou contrariam. Não é assim, porém, que me vejo. O meu

auto-retrato não se pode fixar no tempo nem no espaço. Que sou eu afinal senão algo que passa, que já foi ou está para ser? Sou um caminho, ou melhor um atalho, construído pelo que andei com outros. Caminho meu construído com pedaços de outros. Caminho, que nasce há muitos anos atrás, provavelmente no búzio da menina de meu Pai e que tem uma direcção, um sentido. O sentido da procura do encontro, de algo que me revele mais. Que sustente o meu gosto melancólico ou romântico de viver.

Atalho, percursos em ziguezague, caminho construído para, pelos, com os outros. Uma sequência de identidades que se entrelaçam. Mas caminho meu com subida à montanha, com planaltos de vastos panorama e descidas abruptas de desfiladeiros. Estas, aliás, necessárias para medir forças para de novo subir – “Porque é para cima, para o céu que, filha, devemos olhar. E tu consegues tudo.” Palavras sublimes, em período difícil de mim mesma que ligando Wagner a Mozart sustentam a finalidade estética da minha vida. Porque os valores éticos, os significantes vêm da origem do meu afecto, da afirmação dos meus sentidos, da minha personalidade afectiva (que não consta do meu currículo felizmente).

E como não consegui ser tudo num momento só (ou esta partição de mim!) fui sendo por épocas diversas.

Uma adolescente, e jovem generosa e militante, como na família, na Igreja, na escola me ensinaram. Entre triste romântica e construtora de utopias, foi o meu correr e o meu viajar, a toda a vela, na adolescência e na juventude. O mundo precisava de ser transformado, revolucionado. Que fazer senão o “nosso dever”, ocupar o nosso lugar, ser serviço e sustentáculo da família, dos filhos, da pátria e profissional quanto baste nas horas livres da família? (Identidade I).

É o tempo do cumprimento da nossa identidade, com os múltiplos amigos da Escola, da Universidade, da Acção Católica, dos movimentos cívicos e políticos. Pois eu até fazia bem e depressa! Só que não me sentia feliz por isso. Da montanha desci ao desfiladeiro porque era preciso continuar o caminho de mim. Afinal eu não tinha tido tempo para construir o “meu pensar”, o “meu sentir”, a minha liberdade de ser.

O 25 de Abril deu-me um empurrão para a frente. E entre acordes de trompete, e o rufar de tambores, fui descobrindo/construindo um outro atalho estreito de liberdade, de dom de mim, de maturidade no feminino e na insegurança.

Aqui já não sou o que era. É a identidade II da Teresa.

Para tal houve que cortar amarras, correr depressa caminhos de incompreensão, procurar novos olhares que me reflectissem. Sobretudo reconhecer-me nos meus filhos, partes integrantes deste meu caminhar que testam o sentido do que procuro.

Para tal ainda, contribuíram os confrontos na Política, a vivência de momentos altos político-cívicos, a conquista – através de um Doutoramento, imagine-se! – da liberdade de pensar antes de fazer, de ver para além do olhar, de compreender mesmo o incompreensível.

Lá no fundo o objectivo procurado: o reconhecimento da diferença de ser mulher plena, singular, livre e responsável por isso mesmo, amada e amorosa. Descoberta tão difícil por vezes de alcançar pelos nós e pelos laços com que nos enfeitam e nos enfeitamos e que nem sempre conseguimos desatar para estar a nosso jeito. Descoberta só possível depois de termos testado em nós alguns dos caminhos de afirmação e emancipação feminina que nos foram propostos – participação nos poderes políticos, económicos, culturais, etc. – que mais não são, muitas vezes, que meras passagens de umas dependências para outras, impedindo que nos encontremos connosco próprias.

A maturidade alcançada, através da aceitação com que nos construímos e a utopia que constitui a essência das várias identidades com que nos fomos enroupando, só nessa altura a encontro. Essa maturidade não é afinal senão que a consciência dos limites e das potencialidades próprias – físicas, intelectuais, afectivas – que me condicionam e me estimulam.

É possível que neste percurso de maturidade, o desejo de transformar o mundo tenha arrefecido e a busca da tenda/casinha se tenha acentuado. “Aos tempos de falcão seguem-se os tempos de coruja”, no dizer de D. João II. Ou será a necessidade de solidão do eremita? A necessidade do silêncio e do tempo, para mim e de mim. E dos outros, os que estão perto e os que estão muito longe mas que fazem parte deste mundo globalizado que abraço. Um mundo onde me projecto, uma casa onde vivo e trabalho e onde correm muitos netos, filhos, amigos destes, amigos dos amigos e ... até quem passando não me vê.

História de vida que prossegue no último dos ciclos de busca de compreensão do que nos rodeia e do que é isto de ser mulher. Busca que se torna mais fácil, menos angustiante, pela certeza única que tenho, de deixar ficar muitos outros caminhos – profissionais, cívicos, políticos, familiares e afectivos – entrelaçados no meu. De saber que, talvez, o que me caracterize como mulher (por isso me pediram este depoimento, não foi?) é o ter vivenciado de forma singular, forte, dramática e utópica o sentido de acolher, fecundar, criar, cuidar, e salvar, mesmo no desfiladeiro das Termópilas, o que resta de vida (Identidade III).

E mais não sei auto-retratar-me. Mas para quem quiser mais, por favor consulte o meu site. Sou Teresa Ambrósio, nasci em 1937, em Vila Nova de Ourém e morrerei em data a marcar.

Lisboa, Maio de 2003